

CARTOGRAFIA ESCOLAR E PRODUÇÃO DE SENTIDOS DO LUGAR: TERRITÓRIO, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

Alba Valéria de Souza Sales¹; Caio Ferreira de Lima²; Larissa Barros Costa³; Giovanni Codeça da Silva⁴

1 Seeduc-RJ, PIBID/Capes, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, albavssales@gmail.com

2 UVA, Bolsista PIBID/Capes, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, caiobalima25@gmail.com

3 UVA, Bolsista PIBID/Capes, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, larissabcosta08@gmail.com

4 UVA, CEJA/Cecierj, PIBID/CAPES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, codecasilva@gmail.com

Resumo

O artigo analisou uma experiência desenvolvida no Colégio Estadual Antônio Prado Júnior, no âmbito da Geografia Escolar, com turmas do primeiro ano do ensino médio. A proposta articulou cartografia, território, identidade e pertencimento a partir do Estudo do Lugar, buscando responder quais sentidos de território e pertencimento emergiram das representações produzidas pelos estudantes sobre o entorno escolar. A pesquisa caracterizou-se como qualitativa de natureza exploratória, com análise de textos escritos, croquis, mapas finais e registros fotográficos. Os resultados evidenciaram que o território foi representado de maneira diversa, revelando múltiplas territorialidades e hierarquizações simbólicas. A escola apareceu como elemento central, porém com significados distintos conforme as experiências dos grupos. A análise das imagens demonstrou que os mapas constituíram discursos visuais e não meras ilustrações. Concluiu-se que identidade e pertencimento configuraram-se como processos construídos na reflexão sobre o espaço vivido, confirmando as contribuições teóricas de Milton Santos e Rogério Haesbaert para a compreensão crítica do território na educação.

Palavras-chave: Cartografia escolar; Produção de sentidos; Estudo do lugar.

Introdução

A presente pesquisa partiu da experiência desenvolvida no Colégio Estadual Antônio Prado Júnior situado na cidade do Rio de Janeiro e inseriu-se no campo da Geografia Escolar ao articular cartografia, território, identidade e pertencimento como eixos de problematização do espaço vivido. A proposta nasceu de uma inquietação pedagógica diante das dificuldades de integração apresentadas por estudantes do primeiro ano do ensino médio que

demonstravam pouco envolvimento com a dinâmica escolar e reduzida identificação com o ambiente que frequentavam diariamente. Contudo ao invés de tratar tais dificuldades apenas como questão comportamental o trabalho buscou compreendê-las como indício de uma relação fragilizada com o território escolar e com o lugar enquanto dimensão concreta da experiência cotidiana.

Nesse sentido o objetivo pedagógico consistiu em promover práticas de ensino que aproximassem os conteúdos de cartografia e espaço geográfico da realidade dos estudantes estimulando a leitura crítica do entorno da escola e favorecendo processos de interação social. Já o objetivo analítico foi reformulado em termos investigativos e passou a buscar compreender de que maneira a produção de mapeamentos do entorno escolar mobilizou percepções sobre território identidade e pertencimento entre os discentes. A pesquisa orientou se pela seguinte pergunta norteadora quais sentidos de território e de pertencimento emergiram das representações cartográficas produzidas pelos estudantes do primeiro ano ao investigarem o entorno do Colégio Estadual Antônio Prado Júnior

A formulação dessa questão exigiu explicitação conceitual. O território deixou de ser tomado de modo intuitivo como simples área delimitada e passou a ser compreendido como espaço apropriado por relações de poder e por vínculos simbólicos conforme o debate desenvolvido por Rogério Haesbaert e Milton Santos. A identidade deixou de ser tratada como dado autoevidente e foi entendida como construção social relacional e processual dialogando com formulações de Stuart Hall sobre identidade cultural. O pertencimento por sua vez foi concebido como dimensão subjetiva que articulou reconhecimento simbólico memória e práticas espaciais sendo analisado a partir das manifestações discursivas e visuais presentes nos trabalhos produzidos.

Metodologicamente o estudo caracterizou se como pesquisa qualitativa de natureza exploratória no âmbito da pesquisa em educação. A coleta de dados ocorreu por meio da análise dos textos escritos elaborados pelos grupos dos mapas produzidos em formato de croqui e cartolina e dos registros fotográficos do processo. As imagens não foram tratadas como meras ilustrações mas como documentos pedagógicos e analíticos capazes de revelar



escolhas espaciais silêncios e hierarquizações simbólicas. A análise adotou procedimento interpretativo com comparação entre os diferentes grupos buscando identificar recorrências contrastes e tensões entre as representações do quarteirão escolar.

Ao situar o trabalho no campo da Geografia Escolar retomou se o debate sobre Estudo do Lugar conforme proposto por Helena Copetti Callai enfatizando o lugar como categoria mediadora entre experiência cotidiana e compreensão das dinâmicas urbanas mais amplas. Assim a investigação não apenas descreveu a atividade realizada mas problematizou os sentidos atribuídos ao espaço escolar tensionando a relação entre currículo prática docente e produção de significados. A introdução portanto apresentou o percurso investigativo que fundamentou a análise ao deslocar a narrativa descritiva para uma abordagem teórica metodológica e crítica coerente com as exigências acadêmicas da pesquisa em ensino de Geografia.

Desenvolvimento metodológico

A pesquisa caracterizou se como qualitativa de natureza exploratória e interpretativa situada no campo da Geografia Escolar e do Estudo do Lugar. O delineamento metodológico foi orientado pela pergunta de pesquisa que buscou compreender quais sentidos de território identidade e pertencimento emergiram das representações cartográficas produzidas por estudantes do primeiro ano do ensino médio ao investigarem o entorno do Colégio Estadual Antônio Prado Júnior. A investigação assumiu que tais sentidos não seriam captados por instrumentos quantitativos mas por meio da análise das produções discursivas e visuais elaboradas no contexto da prática pedagógica.

O campo empírico constituiu se em turmas do primeiro ano do ensino médio participantes do projeto desenvolvido na disciplina de Geografia. A produção de dados ocorreu em três etapas articuladas. A primeira etapa envolveu pesquisa escrita realizada em grupos sobre temas relacionados ao território escolar como história do bairro transformações espaciais redes de transporte e memória da instituição. A segunda etapa consistiu na elaboração de croquis do quarteirão tomando a escola como referência espacial. A terceira etapa compreendeu a produção do mapa final em cartolina incorporando elementos formais da

cartografia escolar trabalhados em aula.

Os materiais analisados foram os textos produzidos pelos grupos os croquis preliminares os mapas finais e os registros fotográficos do processo e da exposição. A análise documental considerou tanto o conteúdo verbal quanto a dimensão visual das representações. No caso dos textos escritos realizou-se leitura flutuante seguida de categorização temática buscando identificar recorrências relacionadas a território identidade memória afeto conflito e pertencimento. As categorias foram construídas de modo indutivo a partir do material empírico e posteriormente tensionadas com o referencial teórico adotado.

A análise das imagens assumiu centralidade metodológica e não foi tratada como recurso ilustrativo. Os croquis e mapas finais foram examinados como enunciados visuais que expressaram seleções espaciais hierarquias simbólicas e modos de apropriação do lugar. Consideraram-se critérios como escolha dos elementos representados presença ou ausência de determinados estabelecimentos delimitação do quarteirão uso de cores destaque conferido à escola e às ruas nomeadas além da inclusão de comentários escritos nos mapas. Também se analisou a proporção atribuída aos espaços a centralidade conferida à instituição escolar e a presença de marcas afetivas como símbolos ou expressões valorativas.

As fotografias do processo e da exposição foram analisadas como registros do contexto pedagógico permitindo observar interações entre estudantes organização dos grupos e modos de apresentação pública do trabalho. A leitura dessas imagens buscou compreender como o espaço escolar foi apropriado durante a atividade e como a exposição produziu reconhecimento coletivo das representações construídas.

A etapa analítica adotou procedimento comparativo entre os diferentes grupos com o objetivo de identificar convergências e divergências nas representações. Buscou-se tensionar empiria e teoria dialogando com as concepções de território formuladas por Rogério Haesbaert e Milton Santos e com as discussões sobre identidade desenvolvidas por Stuart Hall. O conceito de lugar foi articulado às contribuições de Helena Copetti Callai no âmbito da Geografia Escolar.

A validade da análise foi buscada por meio da triangulação entre fontes escritas visuais e contextuais. O confronto entre textos mapas e registros fotográficos permitiu problematizar

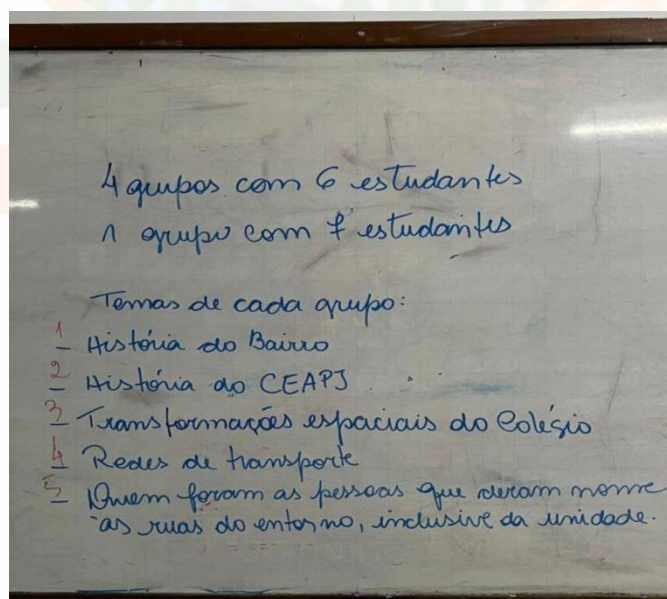
afirmações generalizantes e evitar conclusões baseadas apenas em impressões pedagógicas. Dessa forma a metodologia estruturou-se como percurso sistemático de produção e

interpretação de dados que integrou linguagem escrita e linguagem imagética reconhecendo ambas como formas legítimas de construção de sentidos sobre o território escolar.

Desenvolvimento articulado teoria e resultados

Os resultados evidenciaram que a produção dos mapeamentos mobilizou múltiplas concepções de território e revelou distintas formas de apropriação simbólica do quarteirão escolar. A análise comparativa entre os grupos indicou que a escola foi representada como ponto central em todos os mapas, porém essa centralidade assumiu significados diversos. Em alguns trabalhos, a instituição apareceu ampliada graficamente, ocupando maior proporção do espaço representado, o que sugeriu valorização simbólica e reconhecimento de sua relevância no cotidiano discente. Em outros, a escola dividiu protagonismo com comércios, praças e pontos de transporte, evidenciando uma percepção mais distribuída do território.

Imagem I: quadro da sala de aula (fonte os autores)

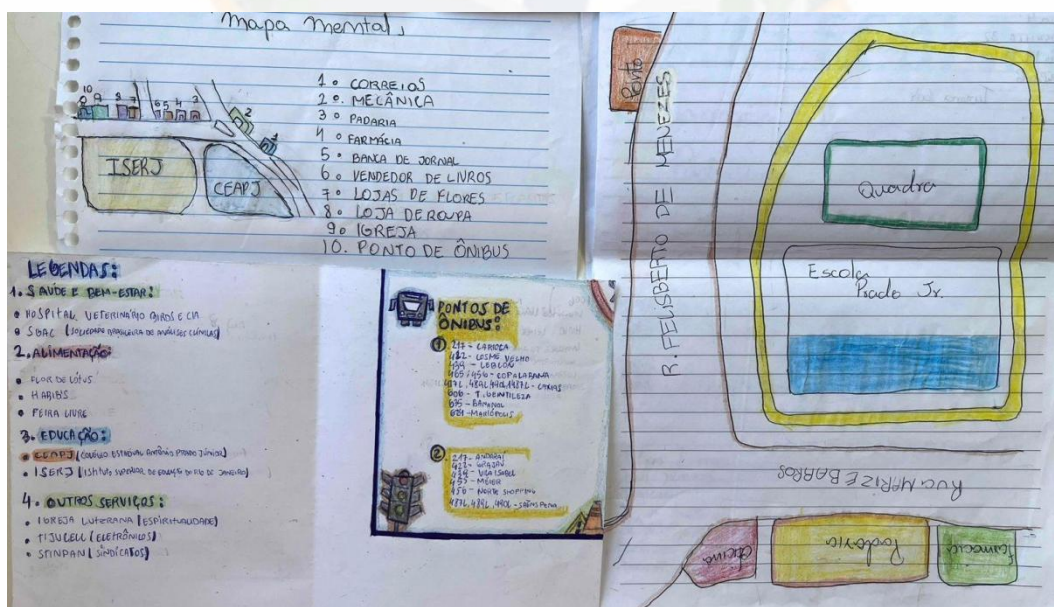


Observou-se que determinados estabelecimentos foram recorrentes nas representações, como mercados, lanchonetes e pontos de ônibus, enquanto outros equipamentos urbanos

permaneceram ausentes. Tal seleção indicou que o território não foi percebido como totalidade objetiva, mas como espaço filtrado pela experiência vivida. A ausência de certos elementos revelou invisibilizações e limites da circulação cotidiana dos estudantes, o que tensionou a ideia inicial de pertencimento homogêneo ao quarteirão.

Nos textos escritos emergiram narrativas que associaram o bairro a memórias familiares, trajetos diários e experiências afetivas. Termos como conhecido, tranquilo e nosso apareceram de modo recorrente, sinalizando vínculos simbólicos. Contudo também foram identificadas menções a insegurança e abandono em alguns relatos, indicando que o pertencimento não se configurou como sentimento linear ou isento de conflitos. Essa ambivalência confirmou a compreensão de território como espaço atravessado por relações de poder e por desigualdades, conforme discutido por Milton Santos.

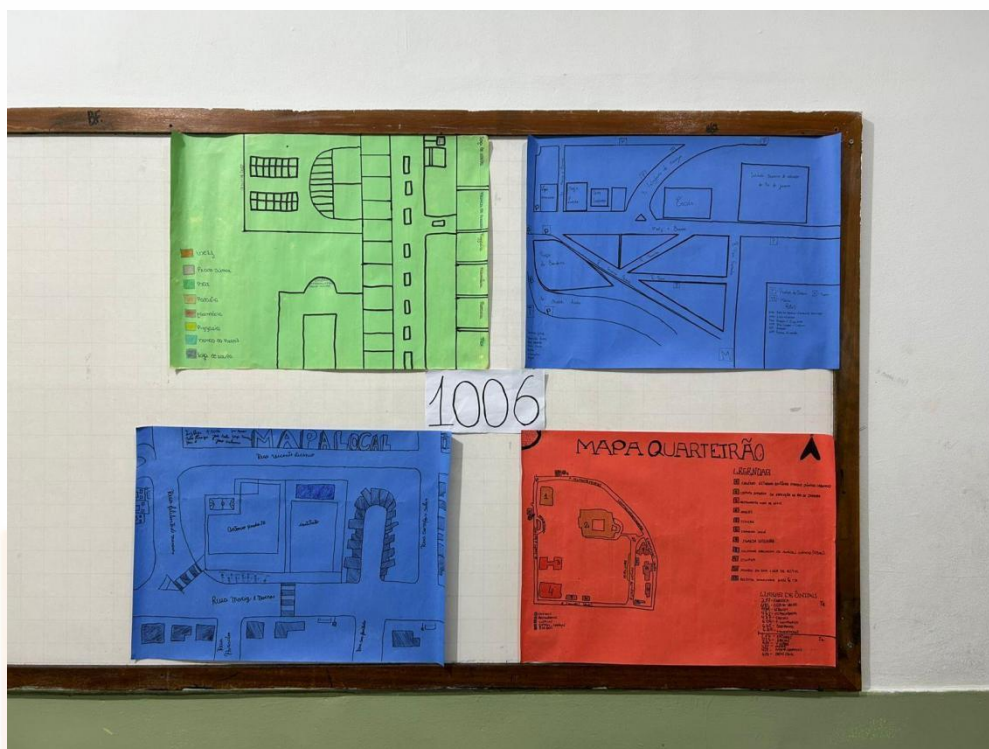
Imagem II: primeiros esboços dos mapeamentos realizados a partir das pesquisas.



A análise das imagens evidenciou hierarquizações espaciais expressas por meio do uso de cores e tamanhos diferenciados. Elementos considerados significativos receberam maior destaque cromático e detalhamento, enquanto áreas percebidas como pouco relevantes foram

representadas de forma simplificada. Alguns grupos incluíram comentários valorativos diretamente no mapa, reforçando a dimensão subjetiva da representação. Esse aspecto dialogou com a concepção de multiterritorialidade formulada por Rogério Haesbaert, uma vez que o mesmo quarteirão foi apropriado de maneiras distintas segundo trajetórias e experiências específicas.

Imagem III: Exposição dos trabalhos no mural do corredor da escola



A exposição dos trabalhos no espaço escolar produziu efeito coletivo de reconhecimento. Durante a observação do momento expositivo registrou-se circulação de estudantes que compararam mapas e identificaram diferenças entre as leituras do entorno. Tal interação favoreceu deslocamento do olhar individual para uma percepção mais plural do lugar, aproximando-se da perspectiva do Estudo do Lugar defendida por Helena Copetti Callai. De modo geral os resultados indicaram que a atividade ultrapassou o exercício técnico de

cartografia e constituiu-se como prática de produção de sentidos sobre o espaço vivido. O pertencimento não apareceu como dado prévio, mas como construção processual que se fortaleceu na medida em que os estudantes passaram a reconhecer relações históricas sociais e afetivas inscritas no território escolar.

Já discussão dos resultados exigiu o deslocamento de uma leitura descritiva da experiência pedagógica para uma problematização teórica situada no campo da Geografia Escolar e do Estudo do Lugar. Ao analisar as representações cartográficas produzidas pelos estudantes foi possível compreender que o território escolar não se apresentou como dado neutro ou mera delimitação espacial, mas como construção simbólica atravessada por experiências, memórias e relações de poder.

O conceito de território adotado dialogou com a formulação de Milton Santos, para quem o espaço se constituiu como resultado da interação entre sistemas de objetos e sistemas de ações. Nos mapas analisados, a escola, os comércios, os pontos de transporte e as ruas nomeadas apareceram como objetos fixos, porém a forma como foram destacados revelou a dimensão das ações e práticas cotidianas que lhes atribuíam sentido. A ampliação gráfica da escola em alguns trabalhos indicou não apenas localização central, mas reconhecimento simbólico de sua importância. Em outros casos, a descentralização da instituição no mapa evidenciou que o território vivido ultrapassou os muros escolares, incorporando circuitos urbanos mais amplos.

A leitura dos resultados também foi tensionada a partir da perspectiva de Rogério Haesbaert, especialmente sua concepção de multiterritorialidade. O mesmo quarteirão foi representado de modos distintos, o que demonstrou que não existiu um território único e homogêneo, mas múltiplas territorialidades construídas a partir de trajetórias específicas. Estudantes que circulavam mais intensamente pelo comércio local atribuíram maior destaque a esses estabelecimentos, enquanto outros enfatizaram trajetos residenciais ou espaços de encontro. Tal diversidade confirmou que o território foi apropriado de maneira diferenciada segundo experiências sociais, reforçando a dimensão relacional e dinâmica do conceito.

No que se referiu à identidade, os resultados indicaram que ela não se configurou como essência fixa, mas como processo em construção. Essa compreensão dialogou com as



formulações de Stuart Hall, que concebeu a identidade como produção histórica e discursiva. Nos textos escritos emergiram narrativas que associaram o bairro a memórias familiares, sentimentos de familiaridade e reconhecimento, mas também a percepções de insegurança ou descuido urbano. Essa ambivalência revelou que a identidade territorial dos estudantes foi marcada por tensões, não podendo ser reduzida a pertencimento harmonioso.

O pertencimento, inicialmente afirmado como possível resultado da atividade, mostrou-se mais complexo do que previsto. A análise indicou que ele não foi dado automático decorrente da frequência à escola, mas construção processual mediada pela reflexão sobre o espaço. Ao produzir os mapas e pesquisar a história do entorno, os estudantes passaram a reconhecer camadas temporais e sociais antes invisibilizadas. Esse movimento aproximou-se da proposta de Helena Copetti Callai ao defender o Estudo do Lugar como mediação entre experiência cotidiana e compreensão das dinâmicas mais amplas. O lugar deixou de ser cenário naturalizado e passou a ser interpretado como espaço historicamente produzido.

A análise das imagens revelou aspecto central para a discussão teórica. A escolha dos elementos representados e a omissão de outros evidenciaram que todo mapa constituiu discurso. Ao contrário da concepção tradicional de cartografia como representação objetiva, os trabalhos confirmaram que a cartografia escolar pode funcionar como linguagem crítica capaz de expressar visões de mundo. O uso de cores mais intensas para determinados estabelecimentos, a inclusão de comentários valorativos e a ampliação desproporcional de espaços considerados significativos indicaram hierarquizações simbólicas. Assim, as imagens produziram conhecimento e não apenas ilustraram conteúdos.

Do ponto de vista da Geografia Escolar, os resultados problematizaram práticas pedagógicas que tratam imagens como ornamento didático. Ao analisar croquis e mapas como documentos de pesquisa, evidenciou-se que a linguagem visual constituiu fonte legítima para compreender processos de subjetivação territorial. A comparação entre grupos permitiu identificar convergências, como a centralidade recorrente da escola, e divergências, como diferentes percepções sobre segurança e valorização do comércio local. Essa comparação fortaleceu a dimensão analítica do estudo e evitou generalizações apressadas.



A discussão também evidenciou que o trabalho promoveu deslocamento epistemológico no interior da sala de aula. Ao articular cartografia e investigação do entorno, a prática rompeu parcialmente com modelo transmissivo e aproximou-se de perspectiva problematizadora inspirada em Paulo Freire. Os estudantes deixaram de ser receptores de conceitos prontos e passaram a produzir leituras do espaço vivido, tensionando a relação entre currículo e experiência.

Entretanto, os resultados também revelaram limites. A ausência de certos equipamentos urbanos nos mapas indicou que parte do território permaneceu invisibilizada, possivelmente por não integrar os circuitos cotidianos dos estudantes. Tal lacuna sugeriu necessidade de aprofundar o debate sobre desigualdades socioespaciais e sobre os critérios que orientam a seleção do que merece ser representado. Assim, o pertencimento construído não foi totalizante, mas situado e parcial.

De modo geral, a articulação entre teoria e empiria demonstrou que território identidade e pertencimento não puderam ser tratados como conceitos autoevidentes. Eles emergiram como categorias analíticas fundamentais para compreender as representações produzidas e evidenciaram a potência da cartografia escolar como instrumento crítico. A experiência indicou que o Estudo do Lugar, quando fundamentado teoricamente e acompanhado de análise rigorosa das imagens e dos textos, contribuiu para formação de consciência espacial mais reflexiva e para problematização das relações que constituem o território escolar.

Conclusão

A pesquisa demonstrou que a articulação entre cartografia e Estudo do Lugar possibilitou compreender o território escolar como construção histórica, simbólica e relacional, superando sua leitura como simples delimitação espacial. Ao analisar as produções escritas e imagéticas dos estudantes, evidenciou-se que identidade e pertencimento não se configuraram como dados naturais decorrentes da frequência à escola, mas como processos construídos na interação entre experiência cotidiana, memória e reflexão crítica sobre o espaço vivido.



Os resultados indicaram que as representações cartográficas expressaram múltiplas territorialidades, confirmando a perspectiva de Milton Santos acerca do espaço como indissociável das ações sociais, e dialogando com a noção de multiterritorialidade formulada por Rogério Haesbaert. O mesmo quarteirão foi apropriado e significado de formas distintas, revelando que o território escolar foi atravessado por trajetórias, afetos, limites de circulação e percepções de segurança ou pertencimento. Essa diversidade afastou qualquer compreensão homogênea do lugar.

A análise das imagens mostrou se decisiva para qualificar a investigação. Os mapas não funcionaram como ilustrações, mas como discursos visuais que evidenciaram hierarquizações simbólicas, escolhas seletivas e invisibilizações. Tal constatação reforçou a necessidade de tratar a linguagem cartográfica como instrumento crítico na Geografia Escolar, rompendo com práticas que utilizam imagens apenas como recurso decorativo.

Concluiu-se que a experiência contribuiu para deslocar a prática pedagógica em direção a uma perspectiva investigativa e problematizadora, aproximando teoria e realidade concreta dos estudantes. Ao fundamentar conceitualmente território, identidade e pertencimento e ao adotar metodologia analítica rigorosa, o trabalho fortaleceu a dimensão acadêmica da proposta e indicou a potência do Estudo do Lugar como caminho para formação de consciência espacial mais reflexiva, crítica e situada.

Referencial bibliográfica

CALLAI, Helena Copetti. O estudo do lugar e a pesquisa como princípio da aprendizagem. *Espaços da Escola*, Ijuí, n. 39, p. 5-16, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.